

Os rostos do imperialismo estadunidense: o OCIAA de Florianópolis (1943-1945)

Gabriel Lecznieski Kanaan

glkanaan@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo tem como tema geral a construção da hegemonia estadunidense no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de uma abordagem micro-histórica, o foco da análise será na Florianópolis dos anos 40, utilizando como fonte documental os arquivos do Escritório do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos (Office fo the Coordinator of Inter-American Affairs - OCIAA) que existiu em Florianópolis de 1943 a 1945. O objetivo central da pesquisa será compreender as relações de força que foram criadas ao redor do Office, investigando 1) a relação do escritório com o poder público e privado, buscando compreender qual era o lugar da agência no cenário político local, e 2) quem eram os agentes do escritório de Florianópolis e por que vincularam-se a ele.

Palavras-chave: história de Santa Catarina; Imperialismo; OCIAA.

Abstract: This article has as its general theme the construction of US hegemony in Brazil during World War II. Based on a microhistorical approach, this analysis focus in Florianópolis in the 1940s, using the archives of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) that existed in Florianópolis from 1943 to 1945. The main objective of the research is to understand the power relations that were created around the Office, investigating 1) the relation of the office with the public and private power, seeking to understand the place of the agency in the political scenario and 2) who were the agents of the Florianopolis office and why they were associated with it.

Keywords: history of Santa Catarina; imperialism; OCIAA.

"Micro-história é um termo ambíguo". A expressão não é homogênea e muito menos representa um grupo de historiadores de perspectivas históricas iguais¹. Mesmo assim, é possível apontarmos para uma base fundante da micro-história: essa abordagem concretiza-se como "sintoma da crise de confiança"² que se instaura nas ciências sociais durante as décadas de 70 e 80³ em relação aos grandes modelos estruturais explicativos, pondo em questão a abordagem macrossocial.

Hebe Mattos aponta o trabalho de Thompson, "A formação da classe operária inglesa", de 1963, como pioneiro nesse deslocamento da análise das estruturas sociais para a análise da "interação entre os atores, seus projetos conscientes e a imprevisibilidade da fabricação do

1 LIMA, Henrique Espada. Micro-história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 207.

2 REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 19.

3 Ibid. p. 18.



social"⁴. Segundo Mattos, as perspectivas estruturalistas, onde prevalecia a "convicção de que havia estruturas e segredos a serem desvendados para além da consciência e das identidades dos atores históricos" foram questionadas por diversos grupos das ciências sociais, sendo o movimento da micro-história italiana um desses principais contestadores⁵

A micro-história propõe, portanto, uma alternativa ao modelo de análise das grandes estruturas, buscando enfatizar a *complexidade* das relações sociais e suas *particularidades*. Ginzburg, o historiador italiano que talvez seja o mais conhecido representante do grupo, argumenta como a história encontra seus fundamentos epistemológicos no paradigma de ser uma "disciplina indiciária por excelência", "incapaz de se desvencilhar dos elementos singulares, individuais e irrepetíveis"⁶.

Ao insurgirem-se contra essas simplificações totalizantes da história social, as pessoas da área da micro-história buscaram, através da redução de escala, e da centralidade conferida ao papel do particular⁷, compreender aspectos da realidade social que escapam ao olhar macroscópico. Ao alterar o *zoom* da lente com que o(a) historiador(a) observa o passado, o mesmo fenômeno irá se apresentar de formas diferentes. Nas palavras de Jacques Revel, "variá-la objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, *significa modificar sua forma e sua trama*". A mudança de escala "não consiste em apenas representar uma realidade constante em tamanho menor ou maior, e sim em *transformar o conteúdo da representação* (ou seja, daquilo que é representável)"⁸ (grifos meus).

Assim, ajustaremos o foco do nosso olhar para as ações locais de indivíduos particulares, prestando atenção especial ao detalhe, ao específico, ao particular das trajetórias de vida dos agentes do Office. Seguiremos a indicação de Benito Bisso Schmidt sobre a importância do estudo das biografias na história, para ele "outra forma de compreender os contextos sociais que resgata o papel da ação individual nos processos históricos como forma de se questionar os determinismos"⁹.

Todavia, nunca é demais lembrar que é importante ter em mente, como bem lembra

4 MATTOS, Hebe. História e movimentos sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 95-96.

5 Ibid. p. 96.

6 GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

7 LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, p. 133-161.

8 REVEL, 1998. p. 20.

9 SCHMIDT, Benito Bisso. *História e Biografia*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 193.

Jacques Revel, que esse "individualismo metodológico tem limites, já que é de um conjunto social – ou melhor, de uma experiência coletiva – que é sempre preciso procurar definir as regras de constituição e de funcionamento"¹⁰. Ginzburg vai na mesma direção ao dizer:

Da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um¹¹.

O que a micro-história defende não é, portanto, "um elogio ao *small is beautiful*"¹², uma análise do particular por si só, sem preocupações com uma compreensão dos processos históricos: muito pelo contrário, ela, em primeiro lugar, afirma que todo ator histórico está inscrito em um dado contexto. O que está traz como bandeira original é perceber a história local não mais como mero reflexo dos contextos globais, mas sim como versões diferentes das realidades macrossociais. Tragamos aqui outro trecho esclarecedor de "Jogos de Escalas":

[...] O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma *modulação particular* da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro-histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais: é, este é o ponto, *uma versão diferente*¹³ (grifos meus).

Nesse sentido, Jacques Revel defende que o micro não goza de nenhum privilégio especial, sendo o cerne da questão o princípio da variação de escala. Essa variação irá possibilitar novas formas de se entender um mesmo fenômeno histórico, não sendo, porém, o conhecimento gerado pela abordagem micro mais "verdadeiro" que o resultante das macro análises; ambos não são, do mesmo modo, satisfatórios, visto que os processos históricos são movidos precisamente pelo conjunto desses dois (senão mais) níveis¹⁴.

Aqui coloca-se um ponto-chave para este artigo. Como dito anteriormente, essa abordagem microscópica tem o objetivo de perceber partes da realidade que passariam despercebidas se não estivéssemos munidos de uma lupa. Portanto, vê-se o trabalho como

10 REVEL, 1998. p. 23.

11 GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Apud SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 194.

12 LIMA, 2012, p. 222.

13 REVEL, 1998. p. 28.

14 Ibid. p. 32.



complementar a abordagens que tomam como cenário de análise nada menos do que o continente americano inteiro.

A criação do OCIAA de Santa Catarina

Na elaboração desse artigo, o tema (imperialismo estadunidense) surgiu antes da perspectiva específica de abordagem. Foi lendo o livro de Giovanni Levi, “A herança imaterial”, que chamou-me muita atenção o capítulo em que Levi discute o poder imaterial criado ao redor de Giulio Cesare Chiesa (“Capítulo IV: a autoridade de um homem ilustre: Giulio Cesare Chiesa”). Esse havia construído ao seu redor grande prestígio político perante a comunidade, o qual emanava do seu ascendente moral e relações sociais e não das suas posses ou investidura política. No entanto, esse poder simbólico não deixava de ser, em nenhum momento, menos real do que um poder assentado em posses de terras.

Giulio Cesare era tabelião na cidade de Santena. Havia sido escolhido pelo representante feudal da cidade como corregedor e juiz da sua jurisdição no ano 1647, quando Cesare tinha aproximadamente 30 anos¹⁵. Como Santena estava em relação muito instável com as outras cidades italianas vizinhas, principalmente Chieri, o tabelião atuou muito na construção das relações de Santena com o restante da região e com o poder centralizado do Estado que crescia no século XVII. O que nos interessa aqui para a nossa pesquisa é a percepção de Levi das escalas onde o poder se exercia naquele cenário. As relações de força dentro de Santena não eram reflexo mecânico e direto do poder centralizado do Estado que se formava adentrando e se impondo na cidade, mas sim configuram-se como um outro nível de poder. Obviamente, não eram essas relações de poder em Santena autônomas e independentes de modo completo das estruturas de poder maiores, com as quais mantinha relações; no entanto, configurava-se de outro modo, de acordo com as particularidades do local.

Essa percepção me pareceu muito interessante para pensarmos o imperialismo estadunidense a partir de uma abordagem micro-histórica. Essa atenção metodológica aos diversos níveis ou escalas onde se exerce o poder nos dá maior base para começarmos a pensar e refletir sobre como o Office operou na capital de Santa Catarina. Afinal de contas, o Estado centralizado não exerce seu poder através de um “raio-laser”, mas por meio de seus agentes. O imperialismo estadunidense se inseriu nos círculos políticos locais trazendo e formando quadros

15 LEVI, Giovanni. *A herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 177-8.



políticos da região para suas causas. E nesse processo, esses personagens evidentemente adequariam os interesses dos Estados Unidos aos seus interesses e estratégias.

Em agosto de 1940 a agência Office of the Coordinator of Inter-American Affairs foi criada pelo governo norte-americano, com a intenção de aprofundar as relações comerciais e culturais entre o país e a América Latina. O objetivo central do Office era exaltar a civilização norte-americana como o paradigma civilizacional a ser seguido pelos outros países da América (o que fazia muito sentido no Brasil, onde ainda havia, na década de 30, um certo repúdio por parte das elites em relação à cultura de massas dos Estados Unidos, que era vista como inferior em relação à cultura francesa)¹⁶. A base do trabalho da agência era a exibição de filmes e programas de rádio que propagavam essas ideias¹⁷, dando ênfase no esforço de guerra estadunidense – tanto da indústria que produzia os materiais de guerra como dos soldados que batalhavam no front – e na construção de uma imagem negativa da Alemanha.

Em 1941, foi criada uma sede do escritório no Rio de Janeiro. Dois anos depois, mais 13 escritórios foram criados pelo resto do Brasil, sendo um dos 13 em Florianópolis. Em 5 de janeiro de 1943, Frank E. Nattier (representante do Office no Rio de Janeiro) envia uma carta ao cônsul de Florianópolis (Reginald S. Kajanjian) falando sobre a proposta de criação do Sub-comitê do Office na cidade¹⁸. Nela, Nattier fala sobre como os Sub-Comitês Regionais serão comandados, sempre que possível, por americanos locais (o comando será de brasileiros somente quando não houverem americanos locais disponíveis). Os Sub-Comitês irão agir em cooperação com os Consulados. O orçamento fornecerá um técnico cinematográfico, um publicitário e um secretário para administrar a Imprensa e os programas de Rádio (além do Diretor). Em documentos posteriores, informa-se que o orçamento do escritório era de no máximo Cr. \$7.000,00. Há fundos também para transporte local, aluguel, luz, telefone, postagens e suprimentos.

Em 25 de março de 1943, Mr. Ulysses Grant Keener, Diretor Associado do Departamento de Informações no RJ, e Mr. Townsend Munson, Conselheiro Geral do Office no Rio, vão visitar as cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre para explicar o programa

16 TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 13-6.

17 Como fica evidente a partir da análise dos documentos do Office de Florianópolis. Também é colocado isto por TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

18 *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis. 05/01/1943.



completo ao consulado regional (do estado)¹⁹. E em 6 de abril, o Comitê é oficialmente criado. Nesse relatório, ressalta-se a função principal da agência: “Os filmes são a atividade mais importante das atividades regionais. Não há dúvida de que os filmes são a nossa mais efetiva mídia. Isso é particularmente verdade no Sul, onde devemos combater a propaganda nazista e afastar as pessoas de suas ligações naturais de sangue com a Alemanha e Itália”²⁰.

Segundo Gerson Moura, os trabalhos do campo da política internacional e da política externa brasileira, grosso modo, podem ser divididos em dois grandes grupos: aqueles que veem o cenário político brasileiro como reflexo da estrutura mundial e Imperialismo estadunidense, e aqueles que acreditam ser a atuação da política brasileira movida pela total independência e autonomia dos seus atores²¹. Esse artigo caminha próximo às análises de Antônio Pedro Tota e Gerson Moura, que procuram compreender as relações entre as diferentes escalas e analisar a atuação relativamente autônoma dos sujeitos históricos inseridos em determinada estrutura condicionante. No entanto, os autores, embora tenham entendimento próximo, não operam com a metodologia da micro-história, o que pode trazer novas questões para refletirmos sobre essa relação micro e macro, a qual Gerson Moura refere-se como estrutura e conjuntura. A intenção desse trabalho é justamente esta.

É o uso da “metodologia” (na falta de termo melhor) micro-histórica para abordar tal temática que constitui esse trabalho como uma proposta de complementar os estudos relativos a esse tema e avançar nas discussões. Seguir-se-á a proposta metodológica de Levi para, analisando o cenário político local florianopolitano, pensarmos o Imperialismo estadunidense:

Na micro-história a redução da escala se utiliza para compreender a história geral. (...) Isto pode ser ilustrado se considerarmos de que maneira se usa o microscópio. Através dele, podemos ver as coisas anteriormente não visíveis, mas que existiam. (...) A micro-história procura analisar como funciona a sociedade na sua base e, através desses dados, generalizar conclusões com o intuito de gerar perguntas e respostas capazes de serem comparáveis em outros contextos. (...) Ao perceber o micróbio, é possível generalizar e entender a doença²².

19 Correspondência de Nattier para Kazanjian. 8 de março de 1943. General Records, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis. 08/03/1943.

20 Relatório de Keener e Munson sobre a criação do Comitê Regional de Florianópolis. General Records, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis. 06/04/1943.

21 Moura, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Nova Fronteira, 1980. p. 35.

22 Entrevista de Juan José Marín a Giovanni Levi. Heredia: (Costa Rica) 1999, p. 2. <http://historia.fcs.ucr.ac.cr/mod-his/e-levi-cost.htm>. APUD DOESWIJK, Andreas L. Resenha de Herança Imaterial. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol6_rsh1.htm.

O OCIAA sob o olhar da lupa

Discutida teoricamente a abordagem do trabalho e a problemática do artigo, passemos à apresentação e análise da documentação que investiguei. Utilizei os documentos (aproximadamente 600) do escritório do Office de Florianópolis e hoje arquivados no Record Groups 229 do NARA (National Archive and Record Administration), ARC Identifier 824495, Textual Records from the Office of Inter-American Affairs, Department of Information, Regional Division, Coordination Committee for Brazil. Florianópolis. A análise dessas fontes levantou as duas principais reflexões deste artigo: 1) relação do escritório com o poder público e privado, buscando compreender qual era o lugar da agência no cenário político local, atentando para o papel dos indivíduos na construção dessas relações de força locais e 2) quem eram os agentes do escritório de Florianópolis e por que vincularam-se a ele.

1. Em fins do ano de 1943, com o Escritório do Office já estabilizado na cidade de Florianópolis (o referido foi criado em abril de 43, mas só iniciou seu funcionamento em junho, por não possuir espaço físico até então)²³, William Preston Rambo, vice cônsul dos Estados Unidos em Santa Catarina e presidente do Office em Florianópolis (desde novembro de 1943) envia uma carta ao prefeito da cidade, Rogério Vieira, que havia sido nomeado por Nereu Ramos em agosto de 42. Na carta, Rambo demonstra grande simpatia aos projetos apresentados pela Sidney Ross Company em uma palestra realizada Florianópolis, proferida por Frank Becerra, um dos representantes da empresa (nas palavras do vice-cônsul, teria “*havido um completo entendimento entre o sr. Frank Becerra e a Comissão Local de Negócios Inter-Americanos*”), pedindo a Vieira que fosse favorável às pretensões da firma.²⁴ O interessante aqui é a tríplice aliança que Rambo procura concretizar entre o Office, uma empresa da iniciativa privada e o poder público municipal. Alcino Fanaya, o primeiro presidente do Office de Florianópolis (substituído depois por Rambo), era também representante da Texas Co. Parece que para homens que possuíam poder econômico na cidade a vinculação com o escritório poderia propiciar ascensão das vinculações políticas daqueles que não faziam parte dos círculos

23 *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis, 09/04/1943. Vide anexo I. *A Gazeta*. Santa Catarina, Florianópolis, 3 jun. 1943.

24 Correspondência de William Preston Rambo (então Presidente do Office de Florianópolis) para Rogério Vieira (então Prefeito de Florianópolis). Florianópolis, 06 de dezembro de 1943. IMG 2989. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil.



políticos tradicionais.

Outros documentos que encontramos também sugerem uma tendência do Office de Santa Catarina em aliar-se com setores públicos e privados²⁵. Em um relatório do Office (sem data), comenta-se sobre uma possível parceria agora com um órgão público diretamente, o Departamento de Educação do Estado, supervisionado pelo Dr. Elpidio Barbosa. Este havia perguntado se haveria um projetor e seu respectivo operador que poderiam ficar à disposição do Estado, oferecendo em troca contribuir com as despesas de viagem e hospedagem do operador, bem como cederia o fim da tarde para as exposições audiovisuais (showings) do Office. O documento completa dizendo que seria de grande valia o acordo, pois faria da programação estadunidense algo oficial²⁶.

Aqui, novamente, temos vestígios da rede de relações que começava a se formar em torno do Office Florianópolis, a partir do momento em que a agência começava a participar ativamente da vida política da cidade e a exercer influência nos processos políticos da capital. Enquanto no primeiro documento abordado temos uma indicação de que Rambo estava inserido no grupo de articuladores e tomadores de decisão da cidade florianopolitana (ao sugerir ao poder municipal que firmasse contratos com a Sidney Ross Company), no segundo temos o interesse do poder público municipal na própria estrutura material do Office, no caso, nos projetores da agência. Assim, o poder da agência em Florianópolis dava-se de acordo com o apoio material que recebia do governo estadunidense (na forma de tecnologia, com equipamento e técnica, e dinheiro), o que respaldava na posição política dos agentes do Office na cidade. Em outras palavras, a riqueza de capital da agência ajudava muito na ascensão e fixação dos agentes do escritório na elite política da cidade.

Além do diálogo do Office com a Sidney Ross Company e a Prefeitura e de sua aliança com o Departamento de Educação, o Office agia em conjunto com o Instituto Brasil Estados Unidos de Florianópolis. Uma carta do presidente do Instituto na cidade (Erasto Macedo) para o Diretor da Divisão de Informação do Office (Ulysses Grant Keener) inicia fazendo referência a uma outra correspondência enviada também por Erasto Macedo para Alcino Fanaya (presidente do Office de Florianópolis desde sua criação, em abril de 1943, até novembro de 1943) no dia 1º de setembro de 1943. Na carta, Erasto “solicitava àquele senhor, a fineza de

25 Esta tendência foi também observada por MELLO, André Vinícius Inácio Pena. *O Tio Sam na ilha de Santa Catarina: o funcionamento do Office of The Coordinator of Inter-American Affairs de Florianópolis (1943-1944)*. TCC, UFSC, 2013. p. 41.

26 Relatório do Office de Florianópolis. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Vide anexo IV.



fornecer, a título de empréstimo, a máquina e demais material cinematográficos, bem como ceder os senhores Eurico Hosterno e Danilo Silva, para fazerem uma viagem ao interior do Estado, viagem esta patrocinada e custeada por este Instituto”²⁷.

Este primeiro parágrafo parece nos mostrar que Macedo e Fanaya (diga-se, o Instituto e o Office) agiam, ao menos nessa ocasião, em parceria. A viagem realizada pelo secretário (Eurico Hosterno) e pelo office-boy (Danilo Silva) do OCIAA teve o objetivo de realizar mostras de filmes pelo interior de Santa Catarina. Ela foi realizada entre o dia 1 e 23, haja vista que o segundo parágrafo da correspondência do dia 23 começa com a sentença “tendo finalizado a viagem (...)”. Novamente, percebe-se a rede de relações que formava-se entre os agentes do Office e outras instituições, governamentais ou privadas. E novamente a relação se pauta (além do interesse do Office em firmar-se no novo cenário e buscar aliados que os ajudassem em suas missões) no interesse destas instituições pelo maquinário tecnológico e pelo pessoal especializado da agência.

Sobre esse episódio, é curioso o seguinte fato: a carta de 1 de setembro de Erasto para a Direção do Office no Rio de Janeiro, solicitando a parceria para a realização da viagem, é respondida por U. G. Keener para o escritório de Florianópolis no dia 20 de setembro, onde Keener manifesta-se favorável à parceria. À primeira vista, parece que o Office funciona a partir de uma forte centralização, onde a autorização da Sede Principal do Office era necessária para firmar a parceria local. No entanto, o documento escrito por Erasto no dia 23 de setembro comunica que a viagem já está finalizada. E uma viagem ao interior do Estado necessitava certos preparativos, e não se realizaria tão rapidamente entre os dias 20 e 23. Sem dúvida, a viagem teve início antes da autorização formal e oficial do Office do Rio de Janeiro (para no dia 23 já estar finda), se concretizando a parceria a nível local sem o aval da sede.

Em novembro de 43, Alcino Fanaya se afasta do cargo que ocupava de presidente do escritório da Ilha. Então, quem assume a função é o vice-cônsul dos EUA em Florianópolis, William Preston Rambo, que passa a exercer os dois encargos simultaneamente. Mais uma vez temos uma pista de que havia grande permeabilidade entre o escritório e outras instituições. Ao lado do Office, corriam o Instituto Brasil Estados Unidos, a Embaixada dos EUA e o Estado Brasileiro enquanto Poder Público Municipal.

27 Correspondência de Erasto Macedo (presidente do Instituto Brasil Estados Unidos em Florianópolis) para Ulysses Grant Keener (Associate Director Information Division Coordinator of Inter-American Affairs, Rio de Janeiro). Florianópolis, 23 de setembro de 1943. IMG 2999, 3000, 3001. *General Records*, compiled 1941 – 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Vide anexo V.

Essas informações evidenciam como o Escritório de Florianópolis procurou criar seu espaço dentro do círculo político local. Não havia possibilidade do Escritório não se adaptar às lógicas particulares da cidade e à conjuntura atual da região e obter êxito. Assim, o Office se utilizava do interesse do poder público em se aproximar da instituição, não só pelo interesse nos projetores cinematográficos, mas pelo prestígio e pelo valor simbólico que tal aliança poderia gerar para as pessoas, como é o caso do Dr. Elpidio Barbosa, que se postou ao lado da causa norte-americana. Uma hipótese a ser averiguada por um próximo trabalho é analisar até que ponto a vinculação com os EUA ou com a Alemanha mantinha relações com a disputa política estadual do período entre os Ramos e os Konder.

2. A edição do jornal “A Gazeta”, do dia 6 de junho de 1943, dá a notícia da criação do Escritório na ilha, finalmente estabelecido em uma sala comercial no centro de Florianópolis, e lista seus integrantes: Wanderley Junior e Tolentino de Carvalho são membros do sub-comitê; Alcino Fanaya é o presidente; o jornalista Osvaldo Melo é o Diretor do Escritório, Eurico Hosterno é o assistente, Danilo Silva é o operador cinematográfico e Djalma Medeiros é ajudante²⁸.

Investiguemos o caso da trajetória de Osvaldo Melo para pensarmos algumas perguntas sobre os porquês de sua vinculação com o Office, além do salário que receberia (de Cr. \$2.000,00)²⁹. Melo era jornalista de profissão e ocupava uma cadeira no poder público como Secretário do Conselho Administrativo do Estado³⁰. Logo que assume sua posição na instituição estadunidense, envia uma carta ao secretário executivo do Office no Rio de Janeiro apresentando-se, dizendo como defende a causa americana em seus escritos e envia um artigo que pede para ser publicado, no qual fala do inimigo nazista e da causa inter-americana³¹. Parece que Osvaldo Melo via na vinculação direta com os Estados Unidos uma forma de ascender na sua carreira jornalística, pois ganharia visibilidade defendendo a causa americana, que o Office tanto se esforçava em propagar por todo território nacional brasileiro e latino-americano. Então,

28 *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis, 09/04/1943. *A Gazeta*. Santa Catarina, Florianópolis, 3/06/1943.

29 Correspondência de Keener para Fanaya. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis, 09/04/1943.

30 Correspondência de Osvaldo Melo para Keener. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis, 09/04/1943.

31 Correspondência de Osvaldo Melo para Frank G. Irwin. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis, 09/04/1943.

muito mais do que uma ligação por pura crença de que o modelo e cultura estadunidenses eram perfeitos e que a causa americana deveria ser defendida com todo ardor possível, me parece que o jornalista se aproveitava da situação possibilitada para se promover em sua carreira, sendo a escolha de entrar no escritório parte de sua estratégia de vida profissional.

Além da estratégia de ascensão na carreira, parece que Osvaldo também estava preocupado em ganhar maior poder no cenário político local. Como foi dito, o jornalista ocupava um lugar em um Conselho do Estado. Parece que tinha a intenção de entrar no Office e subir politicamente dentro do escritório, o que o daria prestígio e poder no circuito político local como um todo. Um episódio observado na documentação aponta para esse desejo do jornalista. No final do ano de 43, Melo escreve uma carta ao coordenador do Office no Rio de Janeiro (Keener), relatando que o então presidente do Escritório da cidade Alcino Fanaya havia viajado para Belo Horizonte para resolver questões não relativas ao Office e se demorava muito por lá, já tendo manifestado interesse em deixar a presidência da agência de Florianópolis. Tolentino residia na Colônia Santa Tereza e vinha à cidade somente uma vez por semana, assim como Wanderley também não aparece. Continua dizendo que o aluguel do Escritório de outubro não está pago e o de novembro está vencendo. Além disso, há outras despesas decorrentes de serviços com as projeções de filmes, pagamentos dos empregados do Escritório, etc. Só Fanaya poderia executar tais operações financeiras. Portanto, pede a Keener que tome a providência necessária em relação ao assunto³².

Há forte indício de que Melo cobiçava a posição de presidente dentro do Office: afinal de contas, Fanaya parecia estar saindo do cargo e ele era o diretor que comandava o Office. No entanto, não foi essa a postura que tomou a direção central do Rio, que apontou William Preston Rambo, vice-cônsul dos EUA em Santa Catarina, para ocupar também o cargo de presidente do Escritório. Não demorou muito para que Melo e Rambo entrassem em conflito, o que acredito ser resultado da disputa de poder que ocorreu entre ambos desde a entrada do novo presidente na agência. Em janeiro, Osvaldo envia uma carta a Keener explicando que, por ter sido destrutado e humilhado por Rambo, havia pedido demissão do cargo que ocupava. Conta ele que foi chamado por Rambo para ir na sua sala falar-lhe. Quando lá chegou, o presidente estava em reunião, e depois de esperar 40 minutos, voltou ao Escritório pois tinha mais o que fazer. Rambo foi ao escritório e disse-lhe, na frente de todos os outros funcionários, que deveria ter

32 Correspondência de Osvaldo Melo para Keener. 22/11/1943. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis, 09/04/1943

esperado, e que se não fosse à sua sala novamente, poderia se considerar despedido³³.

Esse episódio parece apontar para uma disputa pelo mando da agência entre Melo e Rambo. Osvaldo Melo, a partir de sua aspiração a ascender não só enquanto jornalista, mas também no cenário político, quando viu que não teria lugar para ocupar a direção do Office, voltou suas energias para outras formas de atuação, pedindo demissão. Se o salário de Cr. \$2.000,00 fosse o maior motivante, talvez tivesse baixado as orelhas e aceito a reprimenda de Rambo.

Outro episódio interessante para analisarmos é referente ao seguinte telegrama: Rambo envia uma carta para o embaixador americano no Brasil, Jefferson Caffery, dizendo que se trata de um assunto confidencial relativo à Proclaimed List Section. Essa proclaimed list é uma lista negra construída pelos Estados Unidos em 41 de empresas ou pessoas que teoricamente tinham relações comerciais com a Alemanha. Elas deveriam ser controladas e corrigidas pelo governo brasileiro. Em outra pesquisa, tenho como hipótese que essa lista foi feita principalmente para abrir espaço para as empresas estadunidenses na economia da América do Sul e adequar as empresas brasileiras aos interesses estadunidenses. Na carta, Rambo relata que Wanderley acusou o delegado do DOPS de Blumenau, Timoteo Moreira, de tentativa de coerção e sedução da mulher de Max Adolph Gotlieb Conrad, “a nazi ho is in the concentration camp”. O delegado solicitou investigação formal, o que resultou num processo de 200 páginas que o apontou como inocente. Afonso Wanderley Jr. foi então enquadrado nas penalidades da Lei de Guerra por perturbar a segurança nacional. Com essa reviravolta, Rambo aponta Wanderley como inimigo, provável quinta coluna e propõe que o coloquem na lista negra.

No entanto, nada aponta que Wanderley tivesse alguma relação com a Alemanha, o que parece ser muito improvável. Milhares de motivos podem ter levado Wanderley a fazer tal acusação (questão amorosa; conflito pessoal com o delegado; por acreditar que tal coerção havia ocorrido, o que pode ter realmente acontecido); mas me parece que ele ser um quinta coluna procurando perturbar a segurança nacional não é uma possibilidade. Entretanto, tal acusação pode ter criado um clima muito desfavorável ao Office de Florianópolis, que como discutimos, vinha tentando firmar boas relações com os órgãos do poder político local. A acusação de Wanderley como quinta coluna tem grande possibilidade de ter sido realizada por Rambo como uma forma de mostrar que o Office não tinha nada a ver com aquilo. Utilizou-se,

33 Correspondência de Osvaldo Melo para Keener. *General Records*, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis 10/01/1944.



portanto, do mecanismo da lista negra para manter o prestígio político dos demais envolvidos com o Office, de modo que um mecanismo criado em Washington estava sendo usado em Florianópolis de maneira muito distinta daquela imaginada pelo governo estadunidense. A lei era adaptada para servir aos interesses políticos locais dos agentes do Imperialismo estadunidense. Guardadas as devidas proporções, recordo-me de como o tabelião Giulio Cesare Chiesa alterava as regras que vinham do estado centralizado no âmbito da cidade de Santena em proveito próprio, usando “a corrupção da norma como inovação”.

Assim, esse breve exercício historiográfico parece corroborar com a hipótese de Jacques Revel sobre a relação entre o evento e a estrutura, onde o micro não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais, assim como o inverso também não o é; na verdade, são *visões diferentes* acerca do mesmo fenômeno. Esperamos que essa e outras análises das singularidades da atuação do Office aqui na cidade posam trazer contribuições para o debate historiográfico em torno das relações entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra.

Referências

General Records, compiled 1941 - 1944 ARC Identifier 824495. Textual Records from the Office of Inter-American Affairs. Department of Information. Regional Division. Coordination Committee for Brazil. Florianópolis. 05/01/1943.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

LEVI, Giovanni. *A herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MATTOS, Hebe. História e movimentos sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MELLO, André Vinícius Inácio Pena. *O Tio Sam na ilha de Santa Catarina: o funcionamento do Office of The Coordinator of Inter-American Affairs de Florianópolis (1943-1944)*. TCC, UFSC, 2013.



MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Nova Fronteira, 1980.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. *História e Biografia*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Recebido em 25 de junho de 2015

Aceito para publicação em 20 de abril de 2017

